



**Leopoldina de Habsburgo na novela “Novo Mundo”:
memórias e representações midiaticizadas¹**
**Leopoldina of Habsburg in the novel "New World":
mediatized memories and representations**

Jarlene Rodrigues Reis²

Frederico Ferreira de Oliveira³

Palavras-chave: Princesa Leopoldina; “Novo Mundo”; antropologia das emoções; memórias midiáticas.

1. Introdução

Quando se discute a atuação de mulheres com reconhecido papel histórico e político, suas representações podem reificar narrativas tradicionais, nas quais o papel feminino é reduzido ou colocado na invisibilidade das memórias subterrâneas, como as chama Pollack (1989). Desprovidas de complexidade e abrangência, as memórias femininas podem se restringir a fatos periféricos e participações coadjuvantes, que muitas vezes não fazem justiça às suas intervenções históricas.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ, na linha "Cultura de massa, cidade e representação social". Integrante do grupo de pesquisa CORPS: Corpo, representações e espaço urbano. Professora do Cefet/RJ campus Petrópolis, no Curso de Bacharelado em Turismo. jarlenerodrigues@yahoo.com.br

³ Possui graduação em TURISMO pela FACULDADE DE TURISMO DE SANTOS DUMONT (2001), mestrado em ADMINISTRAÇÃO pela Universidade Presidente Antônio Carlos (2007) e mestrado profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário UNA (2011). Professor efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) - Unidade Petrópolis.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

É nesse contexto que se revisitam as memórias da Princesa Leopoldina de Habsburgo, primeira esposa do Imperador Dom Pedro I e primeira Imperatriz do Brasil, duzentos anos após sua chegada ao Rio de Janeiro.

Desde 1817, quando desembarcou no Brasil, até sua morte, no final de 1826, Leopoldina passou de arquiduquesa da Áustria a princesa do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e, por fim, imperatriz do Brasil. As mudanças de posição foram acompanhadas de responsabilidades e expectativas sociais sobre a jovem austríaca, cujas emoções eram, quase sempre, reservadas a manifestações discretas e confidenciais, registradas em diários e cartas. Ao refletirmos sobre as representações históricas de Leopoldina, convém questionar em que medida suas manifestações afetivas contribuíram para a construção de sua imagem pública e para a formação do imaginário existente em torno de sua figura.

Além das biografias mais recentes, que procuram ampliar a perspectiva sobre Leopoldina, buscou-se construir outro olhar sobre essa personalidade na novela “Novo Mundo”, folhetim exibido pelo canal Rede Globo de Televisão no horário das 18h, entre março e setembro de 2017. Tendo a Princesa como uma de suas personagens principais, a novela procurou representá-la numa variedade de circunstâncias que marcaram sua trajetória no Brasil, no período de 1817 a 1822, quando o país se tornou independente de Portugal.

Na construção da personagem Leopoldina na novela “Novo Mundo”, o apelo emocional determinou seu posicionamento em momentos decisivos da trama, baseando-se tanto em documentos históricos como na liberdade da construção ficcional da obra televisiva.

Sobre a manifestação social das emoções, Siqueira afirma que “não basta sentir, é preciso, em sociedade, mostrar e representar o que foi sentido de modos específicos” (SIQUEIRA, 2015, p. 20). Para a autora, a expressão adequada demonstra tanto uma forma de controle quanto uma construção social sobre uma emoção diante de circunstâncias específicas. A existência e a observância dessas regras de comportamento



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sempre constituiu um dos pilares fundamentais da manutenção da imagem e do poder de dinastias reinantes em diversos momentos históricos.

Partindo de uma fundamentação teórica que inclui discussões sobre mediação e memória, além de abordar o papel dos afetos e das emoções nas representações sociais, neste trabalho pretende-se investigar de que forma se articularam, na novela “Novo Mundo”, os elementos de construção da memória da figura da Princesa Leopoldina.

Empregamos o método da análise fílmica em quatro capítulos significativos para a personagem de Leopoldina na novela, escolhidos por destacarem o papel da Princesa em situações públicas e privadas. Foram selecionados os capítulos 129 (exibido em 18 de agosto de 2017) e 130 (exibido em 19 de agosto de 2017), nos quais Dom Pedro tenta se reconciliar com a esposa após sua reiterada traição com Domitila de Castro e Melo, 145 (que foi ao ar em 07 de setembro de 2017), em que se reproduzem os passos que levaram à Independência do Brasil, inserindo Leopoldina nesse processo, e 156 (exibido em 20 de setembro de 2017), quando Leopoldina confronta a rival Domitila, expulsando-a da recepção oficial do Imperador D. Pedro I no Paço Imperial. Nesses capítulos buscamos identificar de que forma as memórias e representações de Leopoldina foram reproduzidas, a partir das manifestações emocionais de seu personagem na novela “Novo Mundo”.

Considerando a importância das mídias na construção de “enquadramentos de memória”, operando como elementos capazes de reconfigurá-la e alterar suas práticas de compartilhamento, como argumenta Bonin (2006), compreendemos o papel de obras televisivas como a novela “Novo Mundo” na discussão sobre o modo como se constroem e se representam personalidades de interesse histórico no Brasil. Portanto, pretendemos contribuir para as reflexões sobre o papel das mídias na construção das memórias e imaginários de Leopoldina de Habsburgo, personalidade que atuou em momento decisivo para a formação de um projeto de identidade nacional.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

2. “Novo Mundo” e a mediatização das memórias de Leopoldina de Habsburgo

Ao analisar a estrutura dos melodramas, presente nas telenovelas latino-americanas, Martín-Barbero (2015) ressalta a importância do apelo emocional dessas obras, associando-as à cultura popular ao mesmo tempo em que as distancia do controle dos sentimentos na vida social, característico da educação burguesa. As emoções podem ser consideradas elementos-chave para a inserção do melodrama na cultura popular, segundo o autor, o que permite compreender o papel das novelas na operação de símbolos e na reprodução de valores sociais. Reproduzidas em meios de comunicação de massa como a TV, em telenovelas de grande alcance, essas emoções passam a compor o repertório daquilo que Madrid (2010) considera como “memória midiática”, com grande influência na formação da memória social coletiva.

Nesse contexto observamos a influência de obras televisivas com pano de fundo histórico – como a novela “Novo Mundo” – na construção de memórias sobre determinados períodos e personalidades. A produção, que estreou no dia 22 de março de 2017 e foi exibida pela Rede Globo no horário das seis (18h), trouxe uma trama ambientada inicialmente no Rio de Janeiro pré-independente do Reino de Portugal, apresentando ao público novas visões a respeito das relações sociais e de poder entre os membros da Família Imperial Brasileira do Primeiro Reinado.

Para representar os personagens históricos, como a Princesa Leopoldina, o Príncipe Dom Pedro de Alcântara e Domitila (Marquesa de Santos), produção e elenco se envolveram em pesquisas sobre o Brasil no início do século XIX e, segundo Thereza Falcão (uma das autoras da novela), buscaram reproduzir o “lado humano” de figuras históricas importantes. Os estereótipos ligados a esses personagens dividem espaço com características menos conhecidas entre o grande público.

Neste processo de reinterpretação da história do Brasil, a novela “Novo Mundo” se estabelece no contexto dos processos midiáticos (VERÓN, 2014) a partir da criação tríplice das diferenças: seja na autonomia dos emissores e receptores da mensagem



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

transmitida e recebida; seja na escala de espaço e tempo dos signos materializados para dar sentido à narrativa; seja no acesso aos signos já autônomos e persistentes ao corpo das normas sociais do Brasil Independente.

Tal produção de sentidos obedece, para Sodré (2001), a um mecanismo de “ocultar mostrando” – ao mesmo tempo em que se exhibe a realidade de um aspecto do mundo, “o ‘agradável’ da forma exibida anestesia sensorialmente a sensibilidade crítica” (SODRÉ, 2001, p. 118). As mídias atuam “como arenas centrais de publicização e de visibilização (ou de esquecimento) da memória dos grupos” (BONIN, 2006, p. 137). Novelas “de época” como “Novo Mundo” apresentam uma seleção de aspectos que contribuem para a criação do contexto histórico da trama, enquanto ocultam ou alteram outros elementos.

Nos três capítulos que analisamos, as representações de Leopoldina mesclam aspectos tradicionalmente encontrados nos relatos históricos – como a relevância de sua atuação política durante o Primeiro Reinado – a elementos inusitados em suas biografias, a exemplo da atitude ativa e desafiadora frente à amante favorita do marido.

Os capítulos 129 e 130 demonstram uma tentativa de reconciliação entre D. Pedro I e sua esposa, e isto se dá num momento da novela em que a relação do casal se mostra abalada diante das traições do Príncipe com Domitila.

Inicialmente Leopoldina protesta perante o Príncipe na cena, afirmando sua posição de que não haveria possibilidade de que ambos se reconciliassem. O Príncipe pede à esposa que ao menos ouça uma canção que ele havia feito para ela, e então Leopoldina poderia decidir se preferia regressar ao Palácio de São Cristóvão ou permanecer no rincão romântico preparado pelo marido.

Leopoldina pernoita no acampamento, mas deixa o Príncipe dormir ao relento; a cena apresenta trilha sonora dramática, ambientando o diálogo iniciado de forma fria a partir das falas da Princesa ao marido, ao se ressentir diante de sua posição secundária no coração de Pedro: “Eu não me iludo, seu amor não é para mim e nunca vai ser”. Ela defende sua crença no amor permanente e que não se altera, tal como os reinados;



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

contrastando com a convicção hedonista de Pedro, que acredita na efemeridade dos sentimentos e do amor. Ao final da cena, Leopoldina pede ao marido que a faça sentir-se viva.

O argumento da liberdade ficcional serviu para justificar a criação de uma personagem, Leopoldina, cujas expressões nem sempre estavam de acordo com a rigidez dos códigos de comportamento impostos a uma princesa em sua posição, visto que, tendo sido educada em uma das principais casas reais europeias, a traição do esposo seria algo inquestionável ou relevado, dada a necessidade da permanência da imagem de estabilidade da Casa Real perante a Corte e os súditos.

A midiática das memórias de Leopoldina permitiu que se desenhasse uma heroína conforme às obras televisivas de melodrama, com forte apelo a emoções como a paixão, a tristeza e a compaixão pelo próximo. Dessa forma, no capítulo 145, a Princesa Leopoldina lê sua carta endereçada ao Príncipe dando-lhe razões para romper com o Reino de Portugal, tornando o Brasil Colônia um novo Império. Assumindo tal postura, Leopoldina demonstrava sua influência nas decisões de Pedro, contrariando o papel de mulher submissa às ordens, desejos e interesses do marido e do Reino que ela representava.

Em outro momento da trama, no capítulo 156, o anacronismo histórico e ficcional faz com que, durante a celebração de D. Pedro I como Imperador do Brasil, a Imperatriz Leopoldina trave duro diálogo com Domitila. As duas rivais defendem uma perante a outra, sua posição no coração de D. Pedro I, até que a Imperatriz Leopoldina diz a Domitila: “É Majestade! Majestade! É assim que você deve se referir a mim. Esse é o fardo da realeza e não é para todos. Para qualquer pessoa, inclusive alguém como você! [...] A sua presença ofende a mim! A minha família e a este país”.

A passagem remete à construção midiática de Leopoldina como mulher à frente de seu tempo na educação, nos costumes e comportamentos, pois os relatos históricos anteriores às novas visões a retratam como pessoa de frágil estrutura emocional e cumpridora de suas obrigações sociais e morais, seja perante o marido ou a sociedade.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Em consonância com as perspectivas contemporâneas de narrativas históricas sobre as mulheres, a Leopoldina de “Novo Mundo” não se encontra restrita ao papel de coadjuvante do marido, nem é reduzida à imagem de esposa traída.

A representação procurou inserir Leopoldina não somente em espaços e assuntos privados, mas também na esfera pública – convém ressaltar que Leopoldina é a única mulher a participar da vida política na Corte durante a novela. Nesse sentido, a Princesa midiaticizada chamou a atenção do público para a importância que teve Leopoldina na construção do Brasil pós-Independência.

Referências bibliográficas

BONIN, Jiani Adriana. Mídia e memórias: delineamentos para investigar *palimpsestos* midiaticizados de memória étnica na recepção. **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**, v. VIII, n. 2, Mai/Ago. 2006, p. 133-143.

MADRID, Javier Esteinou. Los medios de información colectivos y la reproducción de la memoria social. **Polis**, v. 6, n. 1, 2010, p. 71-95.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7 Ed. Rio de Janeiro; UFRJ, 2015.

POLLACK. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: _____ (Org.). **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na Comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 15-35.

SODRÉ, Muniz. Sobre a vida anunciada. **Galáxia**, n. 2, 2001, p. 113-120.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiaticização: uma perspectiva semiantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, v. 8, n. 1, São Paulo, 2014, p.13-19.